

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

IRIS CRISTINA GOMES DO NASCIMENTO FERREIRA

**MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E DA ESCOLARIZAÇÃO  
DE NEGROS EM PARANAÍBA MS (1940-1970)**

PARANAÍBA  
2016

IRIS CRISTINA GOMES DO NASCIMENTO FERREIRA

**MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E DA ESCOLARIZAÇÃO  
DE NEGROS EM PARANAÍBA MS (1940-1970)**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração História da Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência para obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes.

Paranaíba  
2016

F441m Ferreira, Iris Cristina Gomes do Nascimento

Memórias da Infância e da Escolarização de Negros em Paranaíba MS (1940-1970) / Iris Cristina Gomes do Nascimento Ferreira. -- Paranaíba, MS: UEMS, 2016.

54f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes.

Monografia (Especialização em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. História Oral. 2. Escolarização. 3. Infância negra. 4. Memória dessa Infância. I. Ferreira, Iris Cristina Gomes do Nascimento. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Especialização em Educação. III. Título.

CDD – 907.2

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

IRIS CRISTINA GOMES DO NASCIMENTO FERREIRA

**MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E DA ESCOLARIZAÇÃO  
DE NEGROS EM PARANAÍBA MS (1940-1970)**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do Título de Especialista em Educação. Área de concentração: História da Educação.

Aprovada em ...../...../.....

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador

---

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes (UEMS)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sidinea Cândida Faria (UEMS)

---

Prof. Me. Weslem Martins Santos (UEMS)

Dedico este trabalho a todos que estiveram do meu lado e me incentivaram nessa caminhada; agradeço a minha família, em especial minha mãe, Maria Aparecida da Cruz do Nascimento, a meus filhos, Diego Henrique, Joyce Renata e André Thiago, pelo apoio.

A todos os professores da UEMS que contribuíram para mais esta conquista.

E agradeço o apoio de Cleibe José da Silva.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que contribuíram para mais esta conquista e foram, de alguma forma, responsáveis pelos conhecimentos adquiridos nesta nova caminhada.

A Deus, que sempre esteve presente nos momentos mais difíceis, dando-me força para não desistir, ajudou-me a vencer cada etapa que surgia e a chegar ao final de mais esse curso que significa mais um degrau.

Aos trabalhos solicitados e executados, que se somaram à monografia e, assim, contribuíram para a aquisição de novos conhecimentos.

Não poderia deixar de agradecer imensamente, em especial, ao meu professor Ademilson Batista Paes, um dos responsáveis por esta conquista, mais que um orientador, um amigo, que sempre me ajudou nas horas em que eu me encontrava perdida e indicou a melhor forma de abordagem dos assuntos aqui tratados.

Aos professores que colaboraram com minha formação e se dedicaram para a ocorrência da mesma.

A todas as pessoas que colaboraram com a pesquisa e cederam seu tempo para as entrevistas necessárias para o desenvolvimento do trabalho, embora talvez nem saibam quão importantes fossem para esta realização.

Ao auxiliar de biblioteca da UEMS, Junior Tomaz de Souza, pelo carinho e pelas indicações de livros que muito me ajudaram.

E a todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

Aos membros da banca, todo meu carinho e respeito.

Dirás o que puderes lembrar. Trabalho com fragmentos de episódios, restos de acontecimentos, e tiro disso tudo uma história, tecida num desenho providencial. Quando me salvaste, tu me deste o pouco futuro que me resta e te recompensarei, devolvendo a ti o passado que perdeste.

(Sônia Maria de Freitas, diálogo de Baudolino com Nicetas Coniates, na obra Baudolino, de Umberto Eco).

## RESUMO

O presente trabalho teve como objeto de pesquisa a infância negra, uma vez que este tema já havia sido contemplado em uma pesquisa de iniciação científica, na qual faltou uma abordagem mais profunda. Esse projeto de iniciação científica realizado com bolsa (PIBIC/CNPq/UEMS) foi concluído no ano de 2014 com o tema “Memórias da infância e da escolarização de crianças negras no leste de Mato Grosso do Sul (1940-1970)” foram realizadas algumas entrevistas com pessoas cujo perfil se enquadra no citado período; assim, as mesmas foram analisadas e melhor aproveitadas nesta monografia, uma vez que algumas ainda não utilizadas. Procurou-se aqui entender como transcorreram a infância e a escolarização de crianças negras; por onde esses pequenos andaram em busca das primeiras letras; quais percursos esses indivíduos percorreram, nos mais diferentes ambientes, tais como a rua, a escola, o trabalho na roça, entre outros. O que nos instigou a buscar essa pesquisa foi a ausência de trabalhos os quais contemplem essa trajetória da escolarização de crianças negras, entre outros pontos que deveriam ser abordados, como famílias e fonte de sustento, renda familiar, além do fato de que estudos históricos voltados para o tema em questão são recentes e ainda há muito a ser feito. No século da colonização, embora tenha sido por meio do ensino religioso e de forma pouco representativa, os negros tiveram restrito acesso ao mundo da leitura e da escrita. Estudos apontam que essa ocorrência se deu durante a catequese realizada pelos jesuítas. O resultado nos mostra como esse público foi prejudicado ao longo dos anos por falta de oportunidade para buscar escolarização, pois vários foram os fatores que permearam essa escolha. E, assim, esta pesquisa nos mostra pontos determinantes para a grande evasão na escola.

**Palavras-chave:** História Oral. Escolarização. Infância negra. Memória dessa Infância.

## ABSTRACT

This work had as research object the Black childhood, since this issue had already been contemplated in a scientific initiation research, which lacked a deeper approach. This research project conducted with scholarship (PIBIC / CNPq / UEMS) was completed in 2014, with the theme “Childhood memories and the education of black children in eastern Mato Grosso do Sul (1940-1970)” some interviews were held with people whose profile fits in that period; thus, it must be analyzed and better used in this monograph, since some were still unused. He tried to understand how here passed childhood and education of Black children; , Where these little walked in search of the first letters; Which routes these individuals traveled in many different environments, such as road, school, work in the fields, among others. What prompted us to pursue this research was the lack of work which contemplate this path of schooling of Black children, among other points that should be addressed, as families and source of income, family income, and the fact that facing historical studies to the subject in question are recent and there is still much to be done. In the century of colonization - although it was through religious teaching and unrepresentative way, Blacks had limited access to reading and writing world. Studies indicate that this occurrence took place during the catechesis held by the Jesuits. The result shows us how this audience was damaged over the years by lack of opportunity to get education because there were several factors that permeated this choice, and so this research shows us crucial points for the great escape from school. I am a member of the Group of Studies and Research in History and Historiography of Brazilian Education (GEPHEB).

**Keywords:** Oral History. Schooling. black childhood. Memory of childhood.

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL .....</b>	<b>12</b>
<b>2 EDUCAÇÃO DE NEGROS .....</b>	<b>18</b>
<b>3 TRAJETÓRIA DESSA INFÂNCIA .....</b>	<b>22</b>
3.1 Infância .....	22
3.2 Escolarização ou não .....	25
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve seu início como proposta de Iniciação Científica, realizada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, iniciada no ano de 2013 e concluída em 2014, desenvolvida com bolsa financiada pelo PIBIC\CNPq\UEMS<sup>1</sup>. Sou Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB).

Foi realizada durante o período de um ano e, nesse tempo, foram realizadas algumas entrevistas em busca de responder questões, sobretudo em relação à infância e à escolarização do negro nesse período. Em decorrência da escassez de tempo para aprofundar nessa temática, muitos pontos ficaram inexplorados. O projeto teve como foco principal a memória da infância e da escolarização de crianças negras no leste de Mato Grosso do Sul, especificamente, na cidade de Paranaíba, no período de 1940 a 1970, quando este Estado ainda fazia parte de Mato Grosso.

Durante o curso de Especialização, como parte da nota para disciplina, foi solicitada uma pesquisa: o estado da arte ou estado do conhecimento, quando foi realizada uma busca sobre trabalhos como: Trabalho de Conclusão de Curso, monografias, dissertações, teses, artigos em revistas e anais de eventos. Essa busca nos bancos de tese da Capes, Scielo e IBICT trouxe uma excelente base documental sobre o que está sendo desenvolvido dentro do tema aqui pesquisado, com uma contribuição significativa para este trabalho, além de ter possibilitado a percepção de como ainda são escassas as pesquisas acerca da escolarização e da infância da criança negra, apesar de ainda ser um campo a desvendar, haja vista as várias possibilidades existentes em seu entorno.

Foram coletadas informações e dados sobre a realidade escolar desses indivíduos negros e os dados foram ampliados com esta proposta de monografia na tentativa de preencher algumas lacunas, tais quais: a) como foi de fato essa trajetória escolar?; b) onde ela aconteceu?; c) quais fatores permearam esse processo? Esta pesquisa está situada no campo da história da educação brasileira, mais precisamente na história da infância e de sua escolarização.

As entrevistas foram feitas por eixo temático que contempla a infância e a escolarização. Sua transcrição seguiu conforme o eixo; procurou seguir rigorosamente a fala do entrevistado na transcrição, uma vez que a fala do pesquisador foi transcrita somente, -em

---

<sup>1</sup>Sob orientação do Professor Dr. Ademilson Batista Paes.

caso de extrema necessidade, para melhor compreensão do leitor. Na sessão dos apêndices encontram-se as transcrições.

Os aportes teórico-metodológicos utilizados na proposta são os da Nova História Cultural e da História Oral, sobretudo a partir das contribuições de Burke (1992, 2012); Thompson (1992); Le Goff (2013); Freitas (2006); Meihy e Ribeiro (2011); Bosi (1987); Ferreira e Amado (2006); Eliane Cavalleiro (2001).

Nos últimos tempos, as fontes orais passaram a compor o universo de procedimentos à disposição dos pesquisadores da história, como também da história da educação. Um dos fatores que tem colaborado para essa ocorrência seria a grande dificuldade de encontrar de forma organizada a base documental a respeito dos objetos ou temas de pesquisa e, em alguns casos, nem há documentos. Em termos gerais, a presença da História Oral (HO) no Brasil, remonta à década de 1970, com as primeiras experiências ocorridas nas dependências do Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, no ano de 1971.

A partir de 1972 ocorreram iniciativas no âmbito do Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina (PR), porém, a experiência mais vigorosa foi desencadeada pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC), vinculado à Fundação Getúlio Vargas, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), a partir de 1975, entre outras iniciativas no país.

Segundo Thompson (1992), seu envolvimento com a HO ocorreu na década de 60 quando, como historiador social, integrou a equipe do Departamento de Sociologia da recém-fundada Universidade de Essex e colaborou, inclusive, para a elaboração do seu regimento. Nessa ocasião, ao estudar um período recente da história social inglesa percebeu a importância das pessoas como testemunhas do passado por falta de uma documentação nos arquivos e uma literatura que fosse suficiente. Ao usar as entrevistas ele percebeu a riqueza da memória do sujeito anônimo.

Hoje, seu livro intitulado “A Voz do Passado”, de 1978, é considerado um clássico por sua importante contribuição ao método e à teoria da História Oral utilizada em trabalhos de pesquisa que envolvem HO têm-no como base referencial.

É considerável a quantidade de pesquisadores do Brasil e do mundo que utilizam os aportes da HO, os quais geram farta base documental depositada em inúmeros centros de pesquisa vinculados a universidades, centros de pesquisa, museus entre tantos outros.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória

de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

A partir das fontes foi possível compreender um pouco como foi a trajetória das crianças negras tanto na escola quanto em sua infância, e toda essa riqueza de informações nos chega por meio da HO.

O presente trabalho teve como referencial teórico os seguintes estudiosos: Burke (1992), (2012); Thompson (1992); Le Goff (2013); Freitas (2006); Meihy e Ribeiro (2011); . Bosi (1987); Ferreira e Amado (2006), entre artigos revistas e também anais de eventos que trouxeram contribuição para a pesquisa.

O historiador necessita de documentos variados e a fonte oral tem contribuído sobremaneira, uma vez que, por não haver registros escritos, pode acrescentar uma dimensão viva, trazer novas perspectivas à historiografia e, muitas vezes apresentar respostas não encontradas em fontes escritas; além disso, as vozes podem nos revelar sentimentos e emoções de seus sujeitos.

Nesse contexto, as fontes documentais continuam a ter seu lócus pesquisas históricas; contudo, elas não são mais vistas como testemunhos neutros do passado, o ouvido que as escuta usa o filtro da criticidade. Ainda, novas fontes a ela se juntam, no intuito de entrecruzar informações na tessitura de uma narrativa capaz de fazer sentido, buscando critérios de verossimilhança, nunca verdades absolutas. (ARAGÃO; WRUCKTIMM; KREUTZ. 2013, p. 34).

A história oral tem como base a memória humana e sua capacidade de relembrar o passado enquanto testemunha do vivido e, parte de um tempo que teve sua história e seus acontecimentos, por muitas vezes registrados na memória e não em documentos escritos.

Podemos procurar entender a memória como a presença do passado, com alguns fragmentos representativos, nunca em sua totalidade, mas com recortes de acontecimentos importantes. Uma vez que foi selecionada é porque teve um significado e, vale lembrar que filtramos nossas lembranças.

Portanto, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; não somos ilhas e, portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos (MATOS; SENNA, 2011, p. 97).

A prática da história oral é muito antiga e, está ligada aos contos populares, os quais atravessaram séculos e foram transferidos pela comunicação oral, passada por muitos pais e avós para seus filhos e, assim, ela se perpetuou e foi continuamente contada, até constituir-se na escrita do depoimento realizado.

No desenvolvimento de pesquisas propostas com HO as dificuldades enfrentadas no percurso se deram em relação ao aspecto técnico-científico e, ocorreram, principalmente, por causa do uso do gravador nas entrevistas, que estão sujeitas a interferências de terceiros,

durante as gravações, além de causar certo constrangimento e muita timidez nos entrevistados. Para o pesquisador que se propõe realizar esse trabalho é, importante se preparar para tais problemáticas que podem surgir e, assim impedir contratempos no resultado da pesquisa.

A partir das entrevistas coletadas podemos responder as questões que norteiam o trabalho, tendo em vista que a história oral busca registrar, compreender impressões, vivências, buscar informações a partir das lembranças dos indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória e permitir um conhecimento do vivido e apresentar uma leitura para a compreensão do passado.

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc (ALBERTI, 1989, p. 52).

Não cabe ao pesquisador falar de história verdadeira, pois esse deve levar em conta que cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e cada um tem uma forma singular e específica de perceber o mundo a sua volta dentro do seu contexto histórico.

Uma vez que o depoente participa e dá sua contribuição para a elucidação parcial de alguma situação, subentende-se que ele tenha sido selecionado por ter atendido a alguns critérios e pré-requisitos, tais como estar dentro do recorte temporal e do grupo que pode responder as questões norteadoras da pesquisa.

Dentre uma infinidade de fontes que podem ser usadas e que possibilitam o estudo da história no tempo presente, as fontes orais se destacam por seu caráter de testemunho vivo, por, de alguma forma, tornar possível voltar ao passado vivido que traz uma ligação entre o pesquisador e a testemunha, que também não deixa de exercer certa influência, positiva ou não no andamento da entrevista. É privilégio do pesquisador do presente, fornecer subsídios que aflorem a memória da testemunha e tragam o acontecido do passado para o presente e, assim, forneçam elementos para novas investigações.

Vale ressaltar que a relação desenvolvida entre o pesquisador e o sujeito pesquisado pode influenciar no desenvolvimento da pesquisa, uma vez que quanto mais confortável este estiver diante das questões abordadas, melhor vai ser seu desenvolvimento para responder e fomentar a pesquisa e seu resultado final. Nessa perspectiva, esses fatores devem ser analisados com certo cuidado pelo pesquisador que lida com a fonte oral.

Segundo Le Goff (2013), o passado e a memória são objetos da história que

impulsionam seu desenvolvimento, uma vez que esta última é indispensável para a construção da história oral, e:

Joutard acrescenta que o progresso e difusão da história oral possuem intensidades distintas em cada país, onde pode haver “resistências” ou pode haver incentivos. Para Joutard, a resistência dos historiadores à história oral apenas priva-os de novas perspectivas. Ele concluiu, concordando com Jean Pierre Wallot, que, apesar de ser um método novo, ela é um campo de amplo desenvolvimento nos estudos históricos. (MATOS, SENNA, 2011, p. 101)

Nesse ponto de vista, os historiadores devem levar em conta que a História Oral utiliza como fonte a memória e para chegar a ela, precisa de um testemunho para a compreensão de uma sociedade, seja qual for o tema do trabalho em questão, para que seja abordado conforme seu interesse. Nessa linha de raciocínio, pode-se afirmar que a HO é um campo de pesquisa considerável, uma vez que muitas vezes se tratam de documentos escritos de difícil acesso e com os quais são estabelecidas relações diferentes daquelas geradas pelos documentos escritos, pois são contatos diferentes para serem abordados.

Para Portelli (2006), as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas; não obstante, podem não ser precisas, mas possuem dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Elas se impõem como primordiais para a compreensão e o estudo do tempo presente, pois só por meio delas podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época. Muitas transformações ocorreram no campo da pesquisa histórica. As redefinições metodológicas e as análises da importância das experiências individuais têm sido reconsideradas, e assim o pesquisador tem um leque de opções como fonte.

A partir dos movimentos de renovação teórico-metodológica houve o deslocamento das pesquisas de análise estrutural para as de estudos das redes sociais, dos sistemas políticos para o cotidiano, assim como da busca pelas expressões coletivas para o individual.

Thompson (1992) aponta que no processo de transformação dos objetos estudados historicamente em sujeitos é, preciso haver cuidado na entrevista e na transcrição, de forma a constituir precisão no relato oral.

Os arquivos possibilitarão aos historiadores do futuro as pesquisa e estudos de tempos passados, mas isso somente será possível a partir de arquivos constituídos de forma cuidadosa e organizada. E, assim, o historiador da oralidade produz a própria fonte, pois a entrevista

precisa ser extraída da testemunha e somente se torna fonte após a transcrição, que deve ser feita com todo cuidado, tanto na entrevista como na hora da transcrição, que talvez ainda seja um pouco mais complexa, se considerarmos um ponto ou uma vírgula colocados no lugar errado.

Uma entrevista tem vários pontos a serem estudados cuidadosamente e são fontes inesgotáveis, dependendo do trato que o pesquisador lhe dispensar na hora da transcrição de sua análise, assim como vários pontos e várias disciplinas podem dela se valer para seu enriquecimento.

Foi possível perceber que após a década de 1960 foi ganhando espaço uma nova geração que assumia um conceito mais ambicioso e negava a concepção dos relatos orais como fontes somente complementares e esses passaram então a fazer parte dos materiais escritos como fontes principais. Nos EUA, a luta pelos direitos civis, travada pelas minorias de negros, mulheres imigrantes etc, teve grande contribuição, uma vez que fazia dessas as responsáveis pela afirmação da história oral, que já nessa época procurava dar voz aos excluídos, recuperar como aconteceu essa trajetória dos grupos dominados, retirar do esquecimento o que a história oficial sufocara por tanto tempo.

Desde então a história oral vem se firmando como um instrumento de construção de identidade de grupos e de transformação social: era uma história oral militante. Essa proposta, no entanto, não teve boa acolhida entre a comunidade acadêmica e menos ainda entre os historiadores. (FERREIRA, 2000-2002).

Trabalhar com História Oral exige cuidado, desde as gravações até a transcrição dos depoimentos para não fugir do tema, uma vez que cada pesquisador tem seu jeito de trabalhar e também é preciso fazer valer os princípios da ética, já que esse método envolve pessoas, as quais viveram num determinado período e fizeram parte desse contexto e universo pesquisado.

A infância somente passa a ser preocupação do Estado, no século XIX, quando inúmeras medidas e iniciativas visavam, inclusive, cuidar de crianças negras presentes nas ruas e em espaços urbanos e chamavam a atenção das autoridades estabelecidas que clamavam pela criação de locais específicos para o acolhimento dos mais pobres, como ,

Nota-se uma grande propagação de instituições para educar e moldar, nesse período, mas cada infância era educada para futuramente ocupar seus “devidos” lugares, resultando em dois projetos distintos de educação: as infâncias denominadas órfãs, desvalidas, expostas, ingênuas e libertas seriam educadas em instituições como as Colônias Orfanológicas, Asilos, Companhia de Aprendizes Marinheiro e Casa dos Educandos Artífices, que tinham como finalidade evitar que se tornassem vadias, inúteis e perigosas à sociedade, ou seja, era preciso regenerá-las, civilizá-las e

adequá-las. E a infância que seria herdeira da república, cuja educação ocorria nos jardins de infância, ou por professores estrangeiros também era moldada, mas de forma emancipatória (PORTELA, 2011, p. 06).

Com a pesquisa, usamos um novo desafio em formato de Iniciação Científica (2013-2014) que teve em vista a coleta de entrevistas/depoimentos com aporte metodológico da História Oral, enquanto possibilidade de trazer do passado o vivido, o acontecido.

Não existem histórias sem sentido. Sou um daqueles homens que o sabem encontrar até mesmo onde os outros não o vêem. Depois disso, a história se transforma no livro dos vivos, como uma trombeta poderosa, que ressuscita do sepulcro aqueles que há séculos não passavam de pó... Para isso, todavia, precisamos de tempo, sendo realmente necessário considerar os acontecimentos, combiná-los, descobrir-lhe os nexos, mesmo aqueles menos visíveis (diálogo de Baudolino com Nicetas Coniates, em Baudolino de Umberto Eco, p. 17 apud FREITAS, 2006, p. 01).

Nas últimas décadas houve um vertiginoso crescimento da chamada História Oral no país e despontam inúmeros trabalhos e pesquisas que a utilizam como ferramenta metodológica nas investigações em diversas áreas do saber, como Linguagem, História, Educação, entre outras, conforme a necessidade de seu uso, diante da falta de documentos que levem a conhecer melhor como se deu a escolarização das crianças negras, por um tempo esquecida e agora a utilização desse método traz a possibilidade de registrar.

A História Oral possibilita reflexões sobre o registro dos fatos na voz dos próprios protagonistas. A História Oral utiliza-se de metodologia própria para a produção do conhecimento. Sua abrangência, além de pedagógica e interdisciplinar, está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais (FREITAS, 2006, prefácio).

O documento gravado, como qualquer outro, está sujeito a diversas leituras, por isso, aumenta ainda mais a responsabilidade ética do historiador/pesquisador, cujo procedimento diante das fontes deverá ser o mesmo, no que concerne a sua análise e problematização. Dessa forma, a História Oral fornece subsídios tendo em vista a reconstrução do passado recente, pois o contemporâneo é também história. A relação estabelecida entre o pesquisador e o objeto da pesquisa é medida pela atitude de busca, de desvendar o desconhecido, de procurar explicações para o que ainda não está explicado, e nesse processo são fundamentais o contato com os dados e o modo como o pesquisador os utiliza (MIGUEL, 2007).

A história Oral possibilita novas versões da história ao dar voz há múltiplos e diferentes narradores. Esse tipo de projeto propicia sobre tudo fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante suas referências e também seu imaginário (THOMPSON, 1992, p. 18-19).

Enfim, não se pode desconsiderar a presença negra em solo do então estado de Mato Grosso. Sabe-se que nos séculos XVIII e XIX muitas cidades do estado tiveram forte presença de africanos e afrodescendentes, sobretudo em cidades como Diamantino, Cuiabá, Cáceres, Paranaíba, entre outras. Especificamente, no que diz respeito à região de Paranaíba, buscamos documentos como paroquiais, cartórios, mensagens dos presidentes da província (século XIX) que trazem inclusive o quantitativo de escravos da época, assim como de seus proprietários, entre outras informações. Ou seja, a presença negra foi considerável e merece ser foco de investigações, tanto no âmbito da história, quanto no da história da educação, sem deixar perder que a construção do nosso país contou com a participação desses indivíduos.

## **2 EDUCAÇÃO DE NEGROS**

Os poucos estudos que contemplam a história do negro ainda são recentes e a educação de crianças negras, por sua vez, dentro da literatura localizada, situa-se em estudos que relacionam a educação jesuítica apenas com as crianças brancas e excluem as crianças indígenas, mamelucas e mulatas, pela formação da própria história.

Foi feito um levantamento em bancos de dados de teses e dissertações sobre esses estudos e muito pouco foi encontrado, no que tange a esse contexto.

O racismo cultivado por séculos requer programas de incentivo nas escolas, que visem combatê-lo, com o objetivo de eliminar preconceitos, corrigir as desigualdades e formar cidadãos livres (CAVALLEIRO, 2001. p.160).

Os Jesuítas usavam a educação para conversão dos chamados "gentios" ao Cristianismo com a catequese.

Segundo Ribeiro (2004), o artigo citado por Samuel de Jesus (2012), traz o seguinte recorte: no aspecto legal o Brasil teve uma ação permissiva diante da discriminação e do racismo, cujos reflexos são sentidos ainda hoje. Poderíamos acrescentar que a escolarização do negro é muito recente e a Lei de Cotas vem permitir e facilitar a essa camada da população o acesso à universidade.

O Decreto nº13331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que não poderiam ser admitidos escravos nas escolas públicas do país e a previsão para a instrução de adultos negros. Ainda nos tempos atuais, por conta do trabalho, entre outras dificuldades, esse acesso ainda é restrito e, até 1854 dependia da disponibilidade de professores. (JESUS, 2012, p. 02).

De acordo com Lopes (1995, na sala de aula não se conta, ainda hoje, a história social do negro e cita Luiza da Cunha: "*Os negros, para viver, precisam às vezes tornar-se invisíveis*". A partir dessa frase, depreende-se que o negro não poderia mesmo se tornar alguém de destaque na sociedade brasileira.

Schwartz (2001) afirma que o preconceito racial no Brasil, hoje, acontece no nível da intimidade e não no aspecto formal, pois segundo a Constituição Brasileira de 1989, racismo é crime inafiançável, porém, ainda assim persistem os apelidos, as brincadeiras de mau gosto, que inferiorizam a seleção por entrevistas, currículos que pedem fotos. Essas formas veladas de selecionar permitem ação preconceituosa.

De acordo com Candau (2003), no que se refere à educação, o cotidiano escolar é um espaço onde acontecem diferentes relações sociais se misturam diferentes culturas da sociedade brasileira, onde acontecem diferentes maneiras de ver o mundo, estilos, crenças,

costumes, cores, etnias. A escola é um micro universo social dentro do qual acontecem várias formas de relacionamentos e ali são vivenciadas práticas sociais e mecanismos sutis de difusão do preconceito e estereótipos velados ou não.

Pesquisas apontam o ambiente escolar como reprodutor do preconceito então é, preciso que professores ou autores inseridos nesse contexto reflitam acerca desse processo, a fim de evitar que isso se torne algo natural, que acontece quando várias raças ou etnias estão presentes no mesmo ambiente.

Falar sobre a discriminação no ambiente escolar não é realizar um discurso de lamentação. Mas da visibilidade à discriminação de que crianças e adolescentes negros são objetos. Os indicadores de tal situação são vários e lamentáveis. (CAVALLEIRO, 2001. p. 07).

Pensando sobre a construção do preconceito racial na sociedade brasileira, é importante lembrar que é um processo existente desde uma sociedade escravocrata construída na diferença entre raça e classe, uma vez que a escravidão foi considerada uma prática “normal”; assim, deu legitimidade ao preconceito.

No que se refere à educação, Vera Maria Candau (2003) afirma que o cotidiano escolar é um espaço de diferentes relações sociais que refletem a diversidade cultural da sociedade brasileira. Diferentes maneiras de ver o mundo, estilos, crenças, costumes, cores, etnias estão presentes no cotidiano escolar, pois a escola é um micro universo social, assim as formas de se relacionar com o outro demonstram práticas sociais e mecanismos sutis de difusão do preconceito e estereótipos. Pesquisas apontam que o ambiente escolar pode tornar-se local de reprodução do preconceito, então é preciso refletir sobre os mecanismos que podem favorecer a naturalização dos preconceitos (Revistas, Samuel de Jesus. p.03).

Ao longo desses anos tem ocorrido pequenos avanços no tocante a essas diferenças raciais, mas é necessário estabelecer estratégias para a desagregação de processos legitimadores dessas relações hierárquicas que se dão pela cor da pele e outros fatores que geram esses preconceitos.

Na sociedade atual o racismo reside na existência de um senso comum e assim muitas vezes não é reconhecido como racismo, declarado.

Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que o racismo no Brasil é um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto/comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso *status* de povo civilizado. Essa pretensão a um anti-racismo institucional tem raízes profundas tanto na nossa história, quanto na nossa literatura. Desde a abolição da escravidão em 1888, não experimentamos nem segregação, ao menos no plano formal, nem conflitos raciais (GUIMARÃES, 2001. p. 26).

Os negros brasileiros chegaram aqui trazidos em navios negreiros retirados de seu país e sua cultura e, além de não terem sido recebidos como iguais pelos seus semelhantes, foram escravizados, sem direitos, em situação miserável, sem identidade, e muitos sequer conseguiram chegar com vida, pois adoeceram pelo caminho.

A Lei 10.639/03, aprovada em março de 2003, tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. É uma lei que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) com o objetivo de valorizar as origens do povo brasileiro. Essa lei tenta trazer a valorização para dentro da escola que é um lugar de construção de conhecimento, formador de identidade e do desenvolvimento humano.

O Brasil é feito da mistura entre culturas europeias, indígenas e africanas, por isso, a necessidade de um país com indivíduos menos preconceituosos.

As narrativas históricas em sua maioria enfatizam a formação da identidade histórica, cultural e social de um Brasil com uma ótica europeizada, a exemplo disso temos os livros didáticos e paradidáticos (SOUZA, LOPES, SANTOS, p. 01).

Procuramos aqui entender como tem sido essa trajetória e, para que isso seja possível, é preciso voltar ao ponto de origem, reconstruir a história do negro brasileiro, buscar documentos e relatos que compõem esse cenário e, assim, evitar ensinar somente a História da Europa, mas também a História da África, desvendar o que levou os negros africanos a abandonarem seu país, tentar revelar o que vieram buscar, e então trazer essas informações para os livros didáticos de História, que até então só descrevem a condição de escravo do negro nesse lado do Atlântico. Sua história como parte importante, senão principal, na construção de nosso país não é revelada.

Caso seja conceituada a história do negro nos livros didáticos, o aluno, por meio do ensino de História da África, saberá que tem raízes, em um continente chamado África e, uma vez valorizada a luta do negro e sua participação na construção do país, ocorrerá uma ressignificação que o levará a reconstruir sua identidade e despertar para a diversidade cultural aqui existente.

O que temos até aqui se baseia em pressupostos, mas entendemos que os reflexos da escravidão não foram de todos dissipados, pelo contrário podemos perceber que ainda são muito fortes. A introdução da disciplina História da África na grade curricular é peça importante nesse processo de conscientização humana. Queremos uma sociedade plural, onde convivam lado a lado diferentes religiões, orientações sexuais, origens e etnias, sem conflitos;

enfim, buscamos poder contribuir no sentido de trazer algumas questões para podermos refletir.

Nesse esforço, tanto a escola como a universidade são espaços privilegiados para discussões, estudos, reflexões e difusão dos princípios da diversidade por meio de atividades que mostrem essa trajetória do negro em nosso país, estudos nas grades curriculares, acesso a exposições, reprodução de filmes sobre o tema. Tudo isso pode fazer com que o jovem elimine seu preconceito e adquira o respeito à diversidade.

### 3 TRAJETÓRIA DESSA INFÂNCIA

#### 3.1 Infância

Depois de elaborado o projeto, o primeiro passo foi localizar os indivíduos cujos perfis atendessem as proposições, pois, no princípio, a proposta visara somente a quem tivesse frequentado a escola, uma vez que se esperava colher informações para compreender a escolarização. Conforme foram feitos os contatos com as pessoas adequadas ao período correspondente, surgiram as primeiras dificuldades, tendo em vista o fato de alguns desses sujeitos nunca terem frequentado a escola. Assim, foi necessário repensar uma nova proposta sugerida pelo orientador, no sentido de abordar outros aspectos da infância desse público alvo. A partir disso, foram abertas mais possibilidades e descoberta uma gama de informações.

Todas as entrevistas foram coletadas na nossa região, e a partir das informações tivemos o conhecimento de que a trajetória dessa infância foi muitas vezes passada despercebida, uma vez que essas pessoas nos relatam a falta de brincadeiras e o excesso de trabalho muito precocemente em suas vidas, pois tinham a responsabilidade e a obrigação de ajudar os pais no sustento da família e nos cuidados com a casa.

A seguir, apresentamos alguns relatos que nos revelam um pouco dessa infância:

Quando eu era criança uai naquela época até quase não tinha brincadeira brinquedo essa coisa não existia, a gente pegava alguma bonequinha alguma coisinha pouca uma coisa simples né não era como agora que tem um bocado de brinquedo que a gente nem conhece né como parte elétrica a gente já quase não conhece né naquela época.

Nós era em sete irmãos então nós criamos tudo junto trabalhamos tudo junto trabalhou de mais em casa todos juntos saiu quando casou, saímos quando casou estudei em escola pública ficava numa fazenda lá na fazenda do Manoel Gustavo, na região do Córrego Fundo eu acho que naquela época nem num tinha nome a escola entendeu, o patrão arrumou um professor ai ficava durante o dia lecionando ali mas não tinha num lembro o nome da escola não lembro (Maria Rodrigues dos Santos).

Esse trecho da entrevista deixa claro que nem todos tiveram uma infância cercada de brincadeiras; pelo contrário, esse sujeito descreve uma vida difícil, pois ela e os irmãos trabalhavam muito, até sair de casa para se casarem, em sua infância havia poucos brinquedos, e alguns objetos serviam de distração.

Minha infância as brincadeiras nossa as brincadeiras foi muito boa , as brincadeiras é como é que fala era só de arte só só, cozinha fazer comidinha ia na casa da vizinha pedi pedia as coisas emprestado nos fazia que nos era a mãe, chegava na casa da vizinha falava que era a mãe que tinha pedido né, pra pode fazer a nossa comidinha.

E queimei a horta da coitada da minha mãe, nossa a horta mais tava uma beleza só se vendo tinha de tudo plantado na horta quando a gente acordou só via aquele clarão sabe clarão e o pai levantou mais a mãe e sera o que que isso eu ali deitada só levantava a cabeça e tornava deitada de novo eu ia apanha o pai era bravo ele não batia ele só falava sabe falava muito assim se a gente temasse ai ele batia, a mãe não a mãe já era mais assim, mais calma, agora o pai não mais ele não era de bate mais se ele pegasse pra bate ele batia muito, já apanhei umas parece que umas duas vezes dele (Carolina Satila).

Nesse fragmento a senhora Carolina relata um pouco da sua infância, traz alguns pontos sobre como eram as brincadeiras. Na verdade não revela a presença de brinquedos, mas que arrumava um jeito, brincava de fazer comida, colocava situações do mundo adulto em seu universo infantil, inclusive, relata um evento perigoso no qual, além de se arriscar, ainda causou prejuízos materiais à família.

A depoente declara que sua mãe era calma, mas o pai, muito severo, batia muito nos filhos; porém ela apanhou dele apenas duas vezes.

Minha infância foi trabalhosa trabalhando a vida inteira, não tive infância, sempre trabalhava, não tinha tempo para brincadeiras, não tinha tempo minha mãe era de uma família muito humilde, então não tinha tempo pra isso. Morava na fazenda e depois viemos pra cidade, comecei trabalhar muito cedo, comecei como page, empregada doméstica (Dulcena Cleuza de Queiroz Souza).

No decorrer dos trechos vamos percebendo situações comuns vivenciadas pelos entrevistados e também as dificuldades enfrentadas foram quase as mesmas, com trabalho, sem regalias, poucos recursos e algum sofrimento. A depoente chega a ponto de dizer que não teve infância, pois não havia tempo para se dedicar às brincadeiras, já que desde muito cedo trabalhava como pajem.

Eu morava no campo a infância o convívio com outras crianças, as brincadeiras era essas brincadeiras de crianças mesmo é cavalinho de pau essas coisas. A minha família eu não tenho irmão sou filho único, mas era tudo bom pra molecada tudo bom (Joaquim Aparecido de Jesus).

O senhor Joaquim relata que devido ao fato de não ter irmãos, brincava com outras crianças, e suas brincadeiras se resumiam a objetos triviais transformados em diversão.

Nossa brincadeira assim que eu gostava era de roda, brincadeira de roda o convívio com outras crianças era muito bom mas nos morava numa fazenda que não tinha muita criança era três famílias com nos só. Meus pais trabalhavam na roça de arroz, milho plantava e colhia nessa fazenda do Benedito da Palma que nós morou era de ameia ele dava a metade do arroz ele dava o arroz né, ai meu pai plantava quando colhia se desse dez saco era cinco dele e cinco do meu pai, ele dava a terra e o arroz pra ele plantar porque as condições do meu pai não dava pra ele comprar o arroz pra

ele plantar pegava de ameia . Minha mãe não assim na enxada não, era mais em casa, eu quando eu tinha dez anos eu já trabalhava na roça já carpi, plantar não eu não dava conta, mais carpi bandeirar arroz carregar isso ai tudo eu fazia. Nós somos em quatro irmão três homem e uma mulher, nossas condições de vida era assim meia feia que lá antigamente juntava meu pai e meu irmão trabalhava o dia inteiro por uma lata de arroz, dois pra pagar uma lata de arroz, e ai teve ano que nós terminou o ano comendo mandioca e abroba e carne de bicho, naquele tempo matava pra comer assava minha mãe sargava e ponhava no arame ai assava e nós comia e farinha (Lídia Maria Gonçalves).

A senhora Lídia nos conta que gostava de brincar de roda, que era muito bom o convívio com outras crianças, apesar do número reduzido delas, e pelo fato de morar na fazenda, ela fala da vida difícil, dos pais. Muito marcante foi seu relato quando declarou que com apenas dez anos de idade já trabalhava na roça e ocorreu de sua família encerrar o ano se alimentando de apenas dois tipos de alimento por eles produzidos e carne de animal abatido na região. Nesse momento da entrevista, seus olhos encheram de lágrimas e sua voz ficou embargada.

Minha infância foi normal naquele tempo não tinha que a gente era infantil não tinha a variedade de brinquedo que hoje tem né, brincadeiras saudáveis tinha amarelinha, pega-pega, esconde-esconde, brincadeiras de roda, festas junina também. Com 8 anos a gente veio pra cidade né, a gente teve parte da infância aqui né mas os primeiros anos foi na fazenda, na fazenda era muito gostoso assim, a gente tinha total liberdade, saia pro mato comia fruto do mato sabe ia pro riacho andava a cavalo, era aquela coisa assim bem rústica mais muito gostoso, muito bom. A principal atividade econômica assim da minha família meu pai era arrendatário, tinha uma fazenda arrendada né naquela época ele tinha propriedade né depois ele vendeu a propriedade dele né arrendava terra, e depois ele vivia de venda de gado naquela época era troca troca né era assim normal (Venina Alves Arantes).

Mais uma vez um relato de uma entrevistada a qual revela não ter havido tantos brinquedos em sua infância. Ela menciona algumas das brincadeiras de seu tempo, tais como amarelinha, pega-pega, esconde-esconde e novamente brincadeira de roda – e as compara com as atuais - e ainda cita que o início de sua infância foi vivido no campo, em total liberdade.

Atualmente não se fazem mais aquelas brincadeiras mencionadas; inclusive muitas nem são conhecidas, pois as crianças dedicam a maior parte do tempo a videogames ou jogos em equipamentos eletrônicos.

### **3.2 Escolarização ou não**

A escolarização da criança negra e sua trajetória escolar foram muito sofridas e isso indica o alto índice de evasão. Pode-se perceber que dos seis entrevistados, apenas duas pessoas conseguiram chegar ao ensino superior, embora tenham deixado bem evidentes as dificuldades que enfrentaram para chegar onde chegaram a concluir o ensino superior. E mesmo depois de formadas, durante a carreira profissional, por várias circunstâncias nos mostram que vivenciaram situações de preconceito devido ao fato de serem negras.

A trajetória escolar dos entrevistados, na maioria das vezes se iniciou no campo e só em alguns casos vieram para a cidade para poder estudar, mas como as dificuldades e obstáculos a serem enfrentados eram grandes, acabaram por desistir da escola e, assim, a maioria dos entrevistados não chegou a concluir nem o antigo primário, atual Ensino Fundamental.

Um dos fatores que percebemos ter sido determinante para essas pessoas abandonarem muito cedo a escola e passarem a trabalhar para ajudar os pais foi as dificuldades financeiras da família.

A seguir, alguns fragmentos dessa trajetória escolar:

Estudei em escola pública ficava numa fazenda lá na fazenda do Manoel Gustavo, na região do Córrego Fundo eu acho que naquela época nem num tinha nome a escola entendeu, o patrão arrumou um professor aí ficava durante o dia lecionando ali mas não tinha num lembro o nome da escola não lembro. Eu estudei o male que chegou foi o segundo ano, então nós não sabia nada já matriculou nós entrou foi indo até o fim do ano e aí passou aquele ano entrou no segundo, mas não teve quase que nem prova entendeu quase não teve nem prova quase igual que nem uma tarefa a pessoa faz aquela tarefa num justifica nada entendeu. Eu não lembro direito mais as disciplina que tinha eu não lembro porque sei bem que nós estudava o dia todo o dia de toma tabuada, hino é que eu lembro que marcava o dia tomava tabuada e fazia umas continhas era muito simples muito simples entendeu num tinha assim esse negocio de matemática num tinha não era separado marcava uma conta a pessoa fazia se saísse certo tava certo se saísse errado ele acusava né, mas não tinha igual agora num tinha agora mudou tudo (Maria Rodrigues dos Santos).

Nesse trecho podemos perceber que naquela época não tinha escola nas fazendas. Na maioria das vezes o proprietário pagava um professor particular para que fosse até a fazenda ministrar aula, ou então os pais moradores das fazendas vizinhas se juntavam e pagavam o profissional. Era uma opção para que seus filhos pudessem estudar, mas nem todos os pais podiam pagar um professor particular e, às vezes, para o patrão isso não era importante. Nas fazendas o professor ensinava alguns cálculos matemáticos a tabuada, e um fato interessante é que nas salas multisseriadas de séries iniciais, cantava-se o hino nacional brasileiro.

Eu estudei iii, mas não aprendi nada, era escola pública o Major, estudei até o primário até o primeiro ano, as disciplinas que tinha o que eu me lembro mais mais aquelas tal de separação de sílaba, era na cartilha, não lembro o nome da cartilha não. A idade quando fui para escola parece que já tinha uns dez anos. Preconceito na escola pela cor já passei, isso ai sabe é coisa de molecada sabe que o menino queria me namorar eu não quis kkkkkk, ai ele me chamou de nega ai foi ruim achei tão ruim depois durante a vida não (Carolina Satila).

Outro trecho de entrevista sobre a escolarização e aqui mais uma vez se repete a ausência de escolarização, pois ela nos afirma que não aprendeu nada; estudou o primeiro ano e não esquece que tinha separação de sílaba; já foi para escola com dez anos, ou seja, iniciou sua vida escolar com atraso, passou por preconceito, mas o encara como se fosse normal, como simples atitudes infantis. O preconceito que diz ter sentido se deu quando rejeitou um candidato a namorado e este para ofendê-la a chamou de negra, então ela se ressentiu, achou muito ruim.

Trajetória sofrida, foi uma trajetória muito sofrida porque tinha muita discriminação naquela época, na primeira série eu não tinha tempo eu me lembro que eu não tinha tempo de estudar não tinha tempo de aprender eu trabalhava o dia inteiro era page e a professora era muito brava sabe e a gente punha a gente sentada lá no fim da cadeira, eu me lembro disso como se fosse hoje e agredia chamava a gente de preguiçosa sabe foi assim primeira série e segunda série foi terrível. As disciplinas que tinha português, matemática tinha história, geografia e ciências (Dulcena Cleuza de Queiroz Souza).

Podemos perceber que se quisesse terminar os estudos a entrevistada, assim como outros o foram, teria que ter forças para enfrentar todos os empecilhos, dificuldades, preconceito, associados o fato de trabalhar para ajudar em casa. Essas pessoas, quando crianças, deveriam estar na escola e só se preocupar com os estudos, contudo não tinham tempo de estudar. Uma passagem marcante, inesquecível e repetitiva na vida escolar dessa senhora se deu porque, segundo ela, a professora a colocava para se sentar na última carteira, no fundo da sala, pois devido estar cansada por trabalhar o dia todo, tinha dificuldade para aprender. O mais surpreendente é que em vez de receber ajuda da professora, era criticada e chamada de preguiçosa.

A escola era particular na fazenda a escola ficava na fazenda Arvore Grande perto da serra fazenda Arvore Grande, não lembro o nome da escola, só estudei o primário mesmo, só tinha cinco meses de aula só, as disciplinas era custosa a professora era brava mesmo, tinha que aprender mesmo, saia da escola tinha que trabalhar, a escola quem limpava a escola era os alunos, varrer, passar pano, num tia mesa sempre era um bancão uma mesa os alunos que tinha que limpar a professora só ensinava, e não tinha faxineiro também não. Eu quando fui pra escola tinha quinze anos, o convívio com as crianças era bem, bom naquele tempo quem tinha que ir no banheiro tinha que pegar a pedra que ficava lá, se a pedra não tivesse lá ninguém ia, enquanto aquele não voltava ninguém ia. A professora até que era boa, mas era brava, tinha

palmatória eu tomei duas vezes; se não desse conta de lê tentava três quatro vezes não deu conta ai o pau comia palmatória mesmo (Joaquim Aparecido de Jesus).

O senhor Joaquim conta um pouco da sua trajetória na escola particular, onde só fez o primário e o ano letivo, cheio de empecilhos, durava apenas cinco meses. Segundo sua narrativa, os conteúdos em difíceis; a professora, apesar de boa profissional, era muito severa, pois exigia que os alunos aprendessem. Um fator de destaque negativo fica por conta do trabalho realizado pelos discentes na limpeza do ambiente escolar após o final das aulas, todos os dias, pois não havia faxineiro disponível.

Ele iniciou sua vida escolar já com quinze anos, e relata que o convívio com as outras crianças era bom. Interessante destacar sua narrativa sobre como a professora administrava a ida dos alunos ao banheiro: uma pedra ficava sobre a mesa e quando alguém queria sair, teria que levá-la. Caso ela não estivesse naquele local, todos estavam proibidos de se retirar da sala de aula até o colega voltar.

Outro fator importante em seu relato é a presença da palmatória, com a qual ele foi castigado por não ter conseguido, após a quarta tentativa, fazer a leitura exigida pela professora.

Em relação a brincadeiras no ambiente escolar, fica evidente a raridade com que aconteciam, pois durante o intervalo não havia interação entre as crianças. Quanto ao lanche, cada um trazia o seu de casa, numa sacola denominada *capanga*.

Não estudei, fiz o primeiro, mas nunca terminei assim nós morávamos na fazenda, porque a professora quase não ia não é que nem hoje né que tem, antigamente se se matriculava numa fazenda na escola lá ficava até mês quinze dias eles viam pra cidade, que tinha casa na cidade e não ligava que os alunos ficava lá perdendo aula, ai depois meu pai juntou quatro vizinho e pagou uma professora particular, pra dar aula pra nós ai ela começou namorar não ligou meu pai também tirou ai pronto nunca mais nós estudou. Eu vim estudar aqui na cidade, mas não fiquei também muito tempo, eu nem terminei o primeiro ano que eu não sei lê eu só sei fazer meu nome, lê eu não dou conta. Quando eu comecei ir na escola tinha base de dez anos mais ou menos nós ia pra escola (Lídia Maria Gonçalves).

A Senhora Lídia conta sobre as dificuldades enfrentadas para estudar, pois naquela época os pais matriculavam seus filhos em uma escola na fazenda, mas os professores tinham casa na cidade e não ficavam por muito tempo na área rural – chegavam a ficar até trinta dias sem dar aulas, sem se importar com o calendário escolar, nem com os alunos.

Preocupado com a educação da filha, o pai da informante aliou-se a outros quatro pais e juntos contrataram nova professora, que também agiu de maneira irresponsável. Ao final,

por não perceber resultados positivos, a solução foi tirá-la da escola e assim chegou à idade adulta sem saber ler.

Ela também iniciou seus estudos fora da idade ideal e talvez esse seja um fator que tenha contribuído para sua não permanência na escola.

Estudei em escola pública sim, a escola ficava na Praça da República, os dois primeiros anos de escolaridade estudei no José Garcia, depois abriu a escola Wladislau ai a gente veio para escola Wladislau que estudei até o grau superior. A trajetória de vida escolar foi muito difícil, como que eu digo não foi descuidado da nossa parte que éramos pobre, mas foi com muito sacrifício, porque você trabalhava para comprar os materiais, porque naquela época não ganhava nada. As disciplinas do primeiro grau Português e matemática , eu fui pra escola na idade normal de sete anos né, era português e matemática não tinha outras disciplinas não, naquela época tinha educação moral e cívica, que fazia na escola de quinta a oitava depois, mais pregava assim muita moral na escola primária então você tinha que por conta da educação moral e cívica você tinha que cantar o hino nacional praticamente quase todo dia na hora de entrar pra escola, pra dentro da sala de aula ia pro pátio formava fila, cantava todos em posição de sentido, cantava hino de sair, hino de entrada então todos os dias na hora de entrar ou sair, tinha que esperar e cantar aqueles hinos (Venina Alves Arantes).

Nesse trecho mais uma vez são colocadas as dificuldades enfrentadas para estudar, com informações riquíssimas da época, de como eram separadas as disciplinas, e novamente presente a disciplina de educação moral e cívica com normas e horários tendo que ser cumpridos para cantar o hino na chegada e na saída. Pode-se perceber que em diferentes escolas havia as mesmas regras nesse período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve seu recorte temporal entre 1940-1970, na busca de entender como se deu a infância e a escolarização ou a falta da mesma, e como essa foi percebida no decorrer dos relatos dos entrevistados.

De acordo com os relatos, em uma comparação entre os seis entrevistados, na pergunta relativa ao fato de se considerar negro ou não, apenas uma pessoa respondeu negativamente. No transcorrer da entrevista a mesma deu a entender que não se classifica como negra por não ver diferença entre sua cor e a das outras pessoas, afinal, ela diz ter direitos e deveres iguais aos de todos os brasileiros. As datas de nascimento de todos os entrevistados estavam dentro do recorte, e foi possível notar que as brincadeiras eram praticamente as mesmas, com pequenas diferenças entre uma ou outra, assim como o cotidiano de todos os entrevistados a princípio foi no campo e só depois na cidade.

As atividades econômicas da família de todos eram relativamente as mesmas, realizadas na zona rural, junto à família, para ajudar no custeio das despesas e nos trabalhos da casa; enfim, uma vida difícil, com muitas obrigações e pouca diversão.

Todos os entrevistados estudaram em escola pública; entre os seis, somente duas concluíram o ensino superior. Em relação aos demais, alguns não concluíram nem a primeira série do ensino primário, atual Ensino Fundamental.

As trajetórias descritas revelam o enfrentamento de muitas dificuldades, com vários obstáculos, como preconceito racial, de idade, entre outros, como renda familiar e falta de professor.

A idade com que os entrevistados iniciaram sua vida escolar variou entre sete e quinze anos; já as disciplinas ministradas eram Português, Matemática e Educação Moral e Cívica, ensinadas por meio de cartilhas, outros livros e cadernos.

Sobre preconceito, quando questionados, alguns responderam que não sofreram e outros responderam que sim, inclusive um indivíduo o considera normal no universo infantil. Em relação ao convívio com o professor, houve relatos de excessiva rigidez por parte dos profissionais, inclusive com uso de palmatória. Não houve menção a professores que tivessem incentivado os alunos a estudar.

A preocupação com as normas se faz presente também em relação aos horários, ao uso de uniforme e ao canto do hino nacional brasileiro.

É possível afirmar que esta foi uma pesquisa gratificante, uma vez que vemos quão importante se fez a presença de negros como parte da construção de nosso país; isso associado

ao fato de este trabalho ser extremamente relevante para a compreensão das trajetórias relacionadas à infância e à educação desses sujeitos e ainda contribuir com a historiografia da infância negra em nosso estado e até do país.

Importante registrar que embora tenhamos consciência da relevância da temática, é evidente a falta de estudos nessa área e, conseqüentemente, materiais para consulta.

O presente trabalho contribui ainda para a compreensão de como ocorreu o ensino das primeiras letras na vida das crianças negras em solo mato-grossense, para apontar quem foi responsável, pela instrução escolar no estado naquele período e de que forma se deu. Algumas questões foram esclarecidas no decorrer da pesquisa, todavia ainda persistem algumas lacunas em aberto para futuras averiguações, por exemplo, uma análise mais profunda dessas entrevistas.

Com a coleta das fontes e a transcrição das entrevistas foi possível compreender um pouco da escolarização da infância de crianças negras em terras de Mato Grosso (1940 a 1970), hoje, Mato Grosso do Sul, uma vez que a produção acadêmica sobre o tema ainda é exígua.

O fator “tempo” dificultou o andamento da pesquisa, tendo em vista que os entrevistados trabalham e quando se encontram em suas casas se dedicam aos afazeres domésticos, como cuidar dos filhos, dos netos, dos inúmeros compromissos familiares e então não lhes sobra muito espaço para realizar as entrevistas, as quais demandam uma dedicação exclusiva no momento de sua ocorrência.

Cada entrevista teve um tempo estabelecido para ser aplicada e também foi preciso dedicação intensa às transcrições, as quais exigem muito cuidado e atenção para não se perder detalhes fundamentais ou distorcer informações.

Por se tratar de um material delicado, seu manuseio exige compromisso, dedicação, disponibilidade, cuidado e não deve ser manipulado superficialmente, além de requerer leituras profundas acerca do tema.

Espera-se, então, ter respondido as questões aqui propostas e também ter contribuído para o enriquecimento da temática, além de ter colaborado para ampliar as informações acerca desse tema tão relevante para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Organizadoras, 8ª ed. **Usos e Abusos da HISTÓRIA ORAL**. Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes).

ARAGÃO, Milena; WRUCKTIMM, Jordana; KREUTZ, Lucio. **A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares**. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 18, n. 2, p. 28-41, maio/ago. 2013.

BURKE, PETER. **A Revolução Francesa da Historiografia**: a Escola dos Annales, 1929-1989. São Paulo: editora Universidade Estadual Paulista. 1991.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. (organizadora). **Racismo e Anti-Racismo na educação**: Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 2ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo**. Novos Estudos N.º43.

FERREIRA, Amarílio Júnior. BITTAR, Marisa. **Educação jesuítica e crianças negras no Brasil Colonial**. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 80, n. 196, p. 472-482, set./dez. 1999.

FREITAS, Marieta de Moraes. **Institucionalização e expansão da História Oral**: dez anos de IOHA, 2000-2002.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ªed.revista, Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia Prático de História Oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo. Contexto 2011.

JESUS, Samuel de. O negro na Educação Brasileira. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012 – PROEXC/UFVJM – [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte**: problemas e métodos. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blank. **Os arquivos e fontes como conhecimento da história das instituições escolares.** IN: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et. al. Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007.

PORTELA, Daniela Fagundes. **A infância brasileira em debate a partir da promulgação da Lei do Ventre Livre (1871-1879).** Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SOUZA, S.S. LOPES, T.M. SANTOS, F.G.S. **Infância Negra:** a representação da figura do negro no início da construção de sua identidade. São Luís – MA, 28 a 30 de agosto 2007.

## APÊNDICE- ENTREVISTAS

### Entrevista com Maria Rodrigues dos Santos

Eu me considero negra e meu nome é Maria Rodrigues dos Santos meu endereço é Rua Francisco Mariano de Faria, o número da casa é 464, bairro Santo Antônio eu nasci em 15-01-1938.

Quando eu era criança uai naquela época até quase não tinha brincadeira brinquedo essa coisa não existia, a gente pegava alguma bonequinha alguma coisinha pouca uma coisa simples né não era como agora que tem um bocado de brinquedo que a gente nem conhece né como parte elétrica a gente já quase não conhece né naquela época.

Nós era em sete irmãos então nós criamos tudo junto trabalhamos tudo junto trabalhou de mais em casa todos juntos saiu quando casou, saímos quando casou estudei em escola pública ficava numa fazenda lá no fazenda do Manoel Gustavo, na região do Córrego Fundo eu acho que naquela época nem num tinha nome a escola entendeu, o patrão arrumou um professor ai ficava durante o dia lecionando ali mas não tinha num lembro o nome da escola não lembro.

Eu estudei o male que chegou foi o segundo ano, então nós não sabia nada já matriculou nós entrou foi indo até o fim do ano e ai passou aquele ano entrou no segundo mas não teve quase que nem prova entendeu quase não teve nem prova quase igual que nem uma tarefa a pessoa faz aquela tarefa num justifica nada entendeu.

Eu não lembro direito mais as disciplina que tinha eu não lembro porque sei bem que nós estudava o dia todo o dia detoma tabuada, hino é que eu lembro que marcava o dia tomava tabuada e fazia umas continhas era muito simples muito simples entendeu num tinha assim esse negocio de matemática num tinha não era separado marcava uma conta a pessoa fazia se saísse certo tava certo se saísse errado ele acusava né, mas não tinha igual agora num tinha agora mudou tudo.

Eu tinha a base de dez anos por ai quando entrei na escola lá tinha umas dez crianças inclusive tinha um dia seu Neca que era filho do patrão que então ele era muito arteiro muito arteiro i ele mexeu lá e derrubou um vidro de Mantega de capivara ai eu fiquei quietinha nunca gostei que a culpa caísse ni mim entendeu não gostava então ai tinha a Edvirgem que era minha parceira ali nós ficou quietinha ali a culpa sobrou pra quem eu sou do dia 15 e ele é do dia 30 eu sei que o professor ficou muito bravo e ele ficou calado, mas ele tinha uma cara de safado mesmo viu, eu sei que a escola naquela época numa parte ela era apertado na outra era tipo brinquedo tipo brincadeira eu sei que nós ia cedo e voltava de noite professor na sala até agia bem sabe ensinava bem era meio rígido, com alguns comigo ele nunca foi ruim tinha aquele negócio de tomar aquele negócio como é que fala que batia na mão palmatória eu sei que a escola era fraca num.

Brincadeira na escola não não nós não tinha brincadeira nós chegava cedo com a nossa marmitinha ai na hora do almoço parava para ir almoçar e depois voltava e o pau torava o dia inteiro tinha o recreio não tinha brincadeira as crianças naquela época gostava de brincar mas não sabia brincar entendeu não é como agora que o recreio a molecada sai vão brincar fazendo arte uma que nós já eramos meio maduros pra isso não tinha essas brincadeiras.

O preconceito existe tanto na aula como fora como qualquer jeito mas até não tinha muito não, não me lembro de nenhum preconceito não porque nós era pouco sabe e era tudo assim vizinho amigo né e vivia junto direto eu não sentia diferença na escola não era tudo igual.

A roupa podia ir para escola de qualquer jeito naquela época podia ir amarrado um pano naquela época era tudo diferente.

Tinha dois irmãos meus que estudava lá só, o lanche nós chegava em casa socava um arroz correndo para fazer no outro dia cedinho né arroz feijão algum ovo coisinha pouco porque o que tinha levava de casa.

Os alunos era tudo junto, os materiais usados na escola era cartilha algum livro né é lápis borracha tinha aqueles tinteiros aqueles que derramava sujava meio mundo a caneta era de pena tinha que forçar aquela pena, não sei se é a caminho suave a cartilha que eu usava num lembro bem.

Quem mantinha a escola era o fazendeiro a distância da minha casa para escola tinha mais de légua certinho mesmo eu não sei mas tinha mais de légua data comemorativa não tinha na escola.

Meu pai e minha mãe a atividade plantava colhia fazia de tudo tinha a lida de gado , tinha tudo tudo, tinha porco tinha, tinha o gado que era animal tinha cavalo nós fazia muage de cana fazia açúcar rapadura nós fazia polvilho nós fazia coberta pra vender inclusive na época nós ganhou o pasto do patrão meu pai pegou e nós foi trabalhando e comprando gado e pondo lá e foi indo nós vendia coberta nós fazia de tudo fazia coberta vendia comprava bezerra ia pondo lá até encher o pasto uma vez vendeu um cavalo uma égua. Até que nosso patrão falou pro pai Zé Adão você quer comprar um terreno eu achei um terreno que da pro se comprar então o papai entrou em negócio e conseguiu comprar o terreninho assim 24 alqueires, com o dinheiro do gado das coisas que fazia.

Ai comprou o terreninho e por fim repartiu pra nós né entendeu ele repartiu, inclusive essa casa aqui é herança dele, minha mãe trabalhava e muito na roça não mas ela fazia de tudo em casa polvilho, faria de tudo.

Nós éramos em sete até nós éramos em oito mas morreu um ficou restando sete agora não já morreu três você se lembra daquele Simplício lá perto da rodoviária era meu irmão mais velho, morava bem pra baixo ali perto da rodoviária.

As condições de vida quando eu era criança era péssima porque a gente trabalhava bastante então tinha conforto, sabe porque nós nunca passou fome e nem frio mais a vida lá era muito, muito não tinha regalia sabe sobre as coisa que a gente queria de primeiro não tinha as coisas que a gente queria hoje tem a gente segurava né de porquinho pra cima vendia pegava aquele dinheiro comprava um bezerra e punha lá.

Porque meu pai dizia que a gente tinha que fazer com os dentes pra comer com a gengiva.

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS E BIOGRÁFICOS

Eu, Maria Rodrigues dos Santos  
RG: 001146591 e CPF sob n. 697890531-34  
Residente à Rua: Francisco Mariano de Faria n. 464  
Na cidade de Paramaita AUTORIZO a  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a utilização, a divulgação e a  
reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo  
todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados, para a  
realização e a divulgação de projetos institucionais desenvolvidos relacionados à história e à  
memória

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul poderá, a qualquer momento, utilizar,  
divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos,  
jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação  
(TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e  
eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Paramaita, 09/01/2014

## **Entrevista com Carolina Satila.**

Eu me considero negra, meu endereço Vila Santo Antônio, Rua Bruno Mariano de faria, numero. Meu nome é Carolina Satila, eu nasci em 5 de Outubro de 1956. minha infância as brincadeiras nossa as brincadeiras foi muito boa kkkkkk as brincadeiras é como é que fala era só de arte só só, cozinha fazer comidinha ia na casa da vizinha pedi pedia as coisas emprestado nos fazia que nos era a mãe, chegava na casa da vizia falava que era a mãe que tinha pedido né, pra pode fazer a nossa comidinha.

E queimeia horta da coitada da minha mãe, nossa a horta mais tava uma beleza só se vendo tinha de tudo plantado na horta quando a gente acordou só via aquele clarão sabe clarão e o pai levantou mais a mãe e sera o que que isso eu ali deitada só levantava a cabeça e tornava deita de novo eu ia apanha o pai era bravo ele não batia ele só falava sabe falava muito assim se a gente temasse ai ele batia, a mãe não a mãe já era mais assim, mais calma, agora o pai não mais ele não era de bate mais se ele pegasse pra bate ele batia muito, já apanhei umas parece que umas duas vezes dele.kkkkk

Nós morava na fazenda, nos ficava aqui mas muito pouco morava na fazenda, a principal atividade econômica mexia com lavoura, plantava de tudo plantava arroz plantava feijão, o pai só trabalhava na lavoura, a fazenda não era nossa, a mãe cuidava da casa e algum dia ela ia pra roça também trabalhar .

Tenho irmão nós somos em sete, sete irmão nós era em oito mais um faleceu,.....

As condições de vida nossa naquela época era muito bom, tinha fartura só se vendo o pai era muito farturento, as coisas de comer ele era muito farturento.

Eu estudei iii mas não aprendi nada, era escola pública o Major, estudei até o primário até o primeiro ano, as disciplinas que tinha o que eu me lembro mais mais aquelas tal de separação de silaba, era na cartilha, não lembro o nome da cartilha não.

A idade quando fui para escola parece que já tinha uns dez anos.

Brincava muito de boneca, tinha boneca mas era assim meu pai não comprava pra nos mas a mãe fazia mais era boneca de pano, e ganhei uma boneca da minha irmã que era da minha sobrinha ai eu brincava com essa boneca, mais a mãe fazia era boneca de pano, e nois ia nos pés de milho panha aquelas bonecas pra brincar, é aquela de espiga de milho.

Preconceito na escola pela cor já passei, isso ai sabe é coisa de molecada sabe que o menino queria me namorar eu não quis kkkkkk, ai ele me chamou de nega ai foi ruim achei tão ruim depois durante a vida não.

O convívio com outras crianças com o professor assim era muito assim bão mais, não brigava com as meninas nós nunca brigou com as meninas com o professor também não.

Lembro o nome da primeira professora que eu tive é Ana Alice, dava aula na fazenda a escola da fazenda era o patrão que mantinha, as crianças da redondeza ia pra lá nessa escola, tinha merenda deixa ver não não tinha, não levava comida de casa nois ia assim sempre depois do almoço , na escola brincava era de fazer aquelas rodinhas, ai cada um pegava na mão do outro e saia brincando é ciranda cirandinha era mais outras que eu não lembro, que nois brincava.

Normas da escola não tinha, a distância da escola da casa era perto lá da onde a gente morava avistava a escola, não avistava muito nois morava numa baixada, mas era só subi mais pra cima um pouquinho já via a escola.

Data comemorativa não, do que que eu trabalhei naquele tempo atrás ajudando a mãe depois é depois mudou com a vida da gente né ai agora é doméstica ainda hoje trabalho de doméstica

De infância que marcou na minha vida que ficou marcado era uma amiga que eu tinha nois se dava muito bem na escola ai quando a gente ficou assim que eu fiquei sabendo que ela tinha falecido, nova que ela faleceu nova nova como nois ficou sabendo através do patrão o patrão contou pro meu pai e meu pai contou pra minha mãe ela morreu de suicidou ela bebeu veneno nossa quando eu fiquei sabendo meu Jesus aquilo pra mim era muito amiga na escola era de brincar junto de nois ia pros corgos na hora do recreio nois ia pros corgos tomar banho kkkkk.

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS E BIOGRÁFICOS

Eu, Neemias Colocina Natila Moreira,  
RG: 471912 e CPF sob n. 44657420100,  
Residente à ~~Av. Brasil~~ Rua Bruno Moreira de Souza n. 665  
Na cidade de Paranaguá AUTORIZO a  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a utilização, a divulgação e a  
reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo  
todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados, para a  
realização e a divulgação de projetos institucionais desenvolvidos relacionados à história e à  
memória.

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul poderá, a qualquer momento, utilizar,  
divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos,  
jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação  
(TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e  
eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Neemias, 04/01/2014

## **Entrevista com Dulcena Cleuza de Queiroz Souza.**

Não, porque negro geralmente tem aquele complexo de negro essas coisas né e eu me considero uma pessoa normal assim hoje sim eu me considero uma pessoa normal sabe com todos os direitos e deveres, direito de cidadão.

Meu nome é Dulcena Cleuza de Queiroz Souza, meu endereço rua Tiradentes nº1701, eu nasci em 27-08-1951.

Minha infância foi trabalhosa trabalhando a vida inteira, não tive infância, sempre trabalhava, não tinha tempo para brincadeiras, não tinha tempo minha mãe era de uma família muito humilde, então não tinha tempo pra isso.

Morava na fazenda e depois viemos pra cidade, comecei trabalhar muito cedo, comecei como page, empregada doméstica.

Atividade econômica nível bem baixo assim meu pai ele tinha bens, mas acabou tudo entendeu a gente tinha bens mais acabou tudo, então os bens eram mais no tempo das minhas irmãs né porque eu por exemplo já não lembro, lembro assim da mamãe conta, mas eu não lembro disso de ter bens mas mamãe falava que tinha minhas irmãs.

Nós somos doze irmãos ao todo, sim estudei em escola pública a vida inteira, a escola José Garcia Leal, no centro da cidade.

Trajetória sofrida, foi uma trajetória muito sofrida porque tinha muita discriminação naquela época, na primeira série eu não tinha tempo eu me lembro que eu não tinha tempo de estudar não tinha tempo de aprender eu trabalhava o dia inteiro era page e a professora era muito brava sabe e a gente punha a gente sentada lá no fim da cadeira, eu me lembro disso como se fosse hoje e agredia chamava a gente de preguiçosa sabe foi assim primeira série e segunda série foi terrível.

As disciplinas que tinha português, matemática tinha história, geografia e ciências.

Fui pra escola com sete anos completos, convívio com as crianças não sei se pode chamar aquilo de convívio pode chamar aquilo de convívio eu não tinha convívio não tinha, gente eu ia limpa pra escola mas não tinha convívio não tinha amigo, pra falar nossa fulana é minha amiga eu vou pra escola com fulano, não não tinha, olha eu não me lembro de nem um amigo meu das séries iniciais, parece que foi assim apagado da memória.

O professor da primeira série e segunda série eu não esqueço nunca eram péssimos não eu não digo que era péssima era muito brava, eram assim sabe quando você sente assim senta aquela turminha lá na frente e da todo apoio e como a gente trabalhavamuito não tinha tempo, não tinha tempo de estudar de fazer a tarefa, minha mãe foi uma grande batalhadora eu tenho grande admiração pela minha mãe porque com toda a dificuldade que ela tinha ela lavava roupa pra fora ela não deixava faltar lápis ela não deixava faltar caderno, porque naquela época eu era page mas o dinheiro era entregue a ela eu não ficava com nada né então era tudo ela que pegava, mas eu não lembro de nenhum amigo meu da primeira e segunda série não me lembro foi até interessante você perguntar isso que agora estou me questionando não me lembro.

Eu acho que foi uma fase assim muito sofrida muito dolorosa, não tinha alimentação na escola não.

Os materiais usados eram cartilha “caminho suave” me lembro muito muito da caminho suave tanto que eu não gosto da caminho suave.

A distância da escola não era tão longe era perto nós morávamos aqui na Rua Maria Antônia por ali, não era tão longe umas cinco ou seis quadras.

Data comemorativa na escola tinha dia das mães, eu me lembro bem era dia das mães falar poesia isso cantava essas coisas chamava as mães falava poesia entregava um cartão.

Atividade profissional a vida inteira depois que eu parei de trabalhar como empregada doméstica, quando eu concluí de uma quarta série, aí eu fui dar aula na fazenda, eu tinha acho que treze anos fui dar aula em uma fazenda eu voltei fiquei lá um ano aí voltei continuei estudar, continuei estudar, mais daí depois eu fui pra outra fazenda dar aula, pelo município assim tinha que anda muito a pé andava no meio do pasto, gado sabe era bem assim, corria porque eu tinha muito medo de vaca de boi sabe então foi muito sofrido aquilo eu quase morria, é praticamente não almoçava só jantava porque eu vinha da escola já era tarde eu chegava lá na casa eu ficava com vergonha de falar né, então eu não almoçava só jantava.

Aí depois eu fui da aula lá na escola “Nossa Senhora dos Pobres” lá na igreja nossa senhora dos pobres, e é uma das escolas que eu sou apaixonada, depois eu vim pro Major e aí abriu o Manoel Garcia e quem dava aula na escola Nossa Senhora dos Pobres veio para escola Manoel Garcia com exceção de mim eu não vim, porque naquela época era Agência de Educação que escolheram as pessoas que vinham, e eu assim ficou muito assim marcado porque teve a reunião da pra sala de aula eu tinha assim eu participava de todos os cursos tudo eu fazia, tinha discriminação? Tinha, sabe tinha sim, só que eu sempre me destacava por fazer o melhor, e aí quando eu cheguei lá, como eu fui a pé daqui pra lá eu não tinha carro eu não tinha nada né, a gente ia a pé aichego lá uma outra professora pegou a sala ela tinha menos pontos que eu, e ela pegou a sala.

E essa professora que escolhia os professores era minha professora de metodologia. E aí tava marcado uma aula pra mim da pra ela assistir porque valia a nota e aí eu dei a minha aula na escola Aracilda e ela foi assistir, aí quando eu acabei de dar aula ela veio me parabenizar, que ela nunca tinha assistido nenhuma aula por nem um aluno igual a minha, aí ela falou porque você não pegou aula lá no Manoel Garcia? Aí eu falei porque você não me deu a sala de aula, daí ela falou não eu vou dar um jeito de abrir uma sala de aula lá pra você de qualquer maneira, aí eu falei assim eu tenho que pensar se eu quero, sabe mas aí eu peguei a sala eu tinha muito vontade de trabalhar em outras escolas.

Aí a dona Ester Mendonça quando ela ouviu fala que eu era boa, não estou falando que sou boa que eu era boa não é isso eu me esforçava pra fazer o melhor quando você é tachada como cor diferente negra qualquer coisa você tem que destacar por alguma coisa e eu fazia isso com muito gosto, aí ela me convidou varias vezes até então teve uma época que eu queria vim pra escola dela ela falou que não tinha vaga que não sei o que, aí quando surgiu o comentário dessa aula minha que essa professora levou eu pra lá ela foi lá na escola atrás de mim porque queria que eu viesse pra escola dela e aí eu não quis vim eu nunca quis vim ela foi atrás de mim por varias vezes, eu nunca quis vim para escola José Garcia porque ali não era escola de negro entendeu.

Sim eu tenho um projeto que eu fiz porque eu gosto muito de conversar com as pessoas, como eu sei que as pessoas de cor sofrem muito, eu vi as varredoras de rua e eu tinha muita dó daquelas mulheres e eu sempre que podia eu conversava muito com elas e com isso eu descobri que a maioria delas não sabia lê não sabia escrever nada aí eu fui na prefeitura e pedi se eu podia alfabetizar elas foi um sacrificio mas eu consegui eu consegui consentimento

pra mim alfabetizar isso foi assim, muito bonito pra mim de saber que hoje eu tenho alunos de oitenta anos de cor que fala que sabem lê graças a mim.

Outra coisa que eu fiz muito boa também lá no Lar D, Angeles tinha umas crianças lá que tinham muita dificuldade em aprender ler e eu me prontifiquei e fui pra lá uns quatro meses e alfabetizei essas crianças que tinha necessidade sabe então essas duas coisas assimque são muito marcante pra mim, mas eu tinha um objetivo eu queria formar e não deixar que meus filhos sentisse esse tipo de preconceito graças a Deus eu consegui.

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS E BIOGRÁFICOS

Eu, Dulcinea Pleguez de Aquino Souza,  
RG: 446 214 e CPF sob n. 614957 601 97,  
Residente à Tiradentes n. 1701  
Na cidade de Paranaíba AUTORIZO a  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a utilização, a divulgação e a  
reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo  
todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados, para a  
realização e a divulgação de projetos institucionais desenvolvidos relacionados à história e à  
memória

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul poderá, a qualquer momento, utilizar,  
divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos,  
jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação  
(TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e  
eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Paranaíba, 08/05/2014

## **Entrevista com Joaquim Aparecido de Jesus.**

Meu nome é Joaquim Aparecido de Jesus meu endereço é Vila Raimundo, eu nasci em 22-06-1940 eu morava no campo a infância o convívio com outras crianças, as brincadeiras era essas brincadeiras de crianças mesmo é cavalinho de pau essas coisas.

A minha família eu não tenho irmão sou filho único, mas era tudo bom pra molecada tudo bom.

A escola era particular na fazenda a escola ficava na fazenda Arvore Grande perto da serra fazenda Arvore Grande, não lembro o nome da escola, só estudei o primário mesmo, só tinha cinco meses de aula só, as disciplinas era custosa a professora era brava mesmo, tinha que aprender mesmo, saia da escola tinha que trabalhar, a escola quem limpava a escola era os alunos, varrer, passar pano, num tia mesa sempre era um bancão uma mesa os alunos que tinha que limpava professora só ensinava, e não tinha faxineiro também não.

Eu quando fui pra escola tinha quinze anos, o convívio com as crianças era bem, bom naquele tempo quem tinha que ir no banheiro tinha que pegar a pedra que ficava lá, se a pedra não tivesse lá ninguém ia, enquanto aquele não voltava ninguém ia.

A professora até que era boa, mas era brava, tinha palmatória eu tomei duas vezes; se não desse conta de lê tentava três quatro vezes não deu conta ai o pau comia palmatória mesmo.

As brincadeiras eram muito pouca, dava hora do recreio cada um ia pra um lado, a merenda tinha que levar na capanga nem bolsa não era.

Não passei preconceito na escola todo mundo tratava todo mundo com respeito era normal, não era que nem hoje não os alunos faz o que quer dentro da escola, a professora não pode nem falar nada, não antigamente o negócio era sério, não era brincadeira não.

As normas da escola que tinha que seguir era chegar no horário podia ir ate com roupa remendada, fora do horário tinha que voltar, só a turma da fazenda que estudava lá parente era muito pouco .

Alimentação era almoço levava de casa, um bolo uma coisa, farofa levava de casa.

Menino e menina era separado, os materiais usados na escola era caderno primeiro e segundo, era caneta ainda daquele tempo da pena, deixava os livro aberto molhava, não era caneta que nem tem hoje não era tinta.

A escola era mantida pelo fazendeiro porque tinha uma fazenda longe da outra ai se a gente mudava então já estudava lá.

A escola tinha que andar 12 km a pé, a pratica religiosa que tinha era católica, data comemorativa quase não tinha não, hoje não tem mais não essa escola.

A principal atividade econômica da minha família era naquele tempo o poder econômico, meu pai plantava roça mais pro gasto, meu pai era funcionário naquele tempo falava agregado, ele trabalhava para o patrão, minha mãe cuidava de casa e sempre ajudava assim eu fui criado perto de uma fazenda que ela ajudava a mulher do fazendeiro né, a gente na roça e minha mãe ia pra lá ajuda, mas trabalhava dado.

Uai as condições de vida não era boa não, naquele tempo a gente não tinha carro não tinha nada, pra viajar pra andar pra algum lugar a gente ia de cavalo ou de carro de boi.

Profissão não nada, trabalhava pros outros de empregado de empregado, eu sonhava muito em ser caminhoneiro naquela época.

Na escola não ganhava premio não, agora punição ajoelhava em cima das pedrinhas né opa,

Pensar os estudos pra frente não diantava não tinha lugar pra gente , tanta gente começou estudar esse Conceição Leal levava ele de cavalo daqui lá em Três Lagoas, levava deixava lá quando era nas férias ia buscar era de a cavalo que levava.

Agora é muito bom, muito bom sai de casa tem café da manha na escola naquela época não tinha nada, vai pegar na porta buscar na porta naquele tempo não tinha nada não quem quer aprender um pouquinho.

Só que os pais de antigamente ajudava os professores porque menino chegava da escola, se trouxe tarefa pai ia olhar se no outro dia se fosse pra ir pra escola sem tarefaeu apanhava, agora hoje não ninguém olha pra nada.

**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS E BIOGRÁFICOS**

Eu, Joaquim Epauardo de Jesus,  
RG: 5911.008 e CPF sob n. 204.098.151-49,  
Residente à Vila Raimundo n. \_\_\_\_\_  
Na cidade de Paranaíba AUTORIZO a  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a utilização, a divulgação e a  
reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo  
todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados, para a  
realização e a divulgação de projetos institucionais desenvolvidos relacionados à história e à  
memória.

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul poderá, a qualquer momento, utilizar,  
divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos,  
jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação  
(TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e  
eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Joaquim Epauardo de Jesus  
10-09-2013

### **Entrevista com Lídia Maria Gonçalves.**

Sim eu me considero negra, meu nome é Lídia Maria Gonçalves meu endereço Rua Pio 11 eu nasci 02 de Agosto de 1958. Nossa brincadeira assim que eu gostava era de roda, brincadeira de roda o convívio com outras crianças era muito bom mas nos morava numa fazenda que não tinha muita criança era três famílias com nos só.

Meus pais trabalhavam na roça de arroz, milho plantava e colhia nessa fazenda do Benedito da Palma que nós morou era de ameia ele dava a metade do arroz ele dava o arroz né, aí meu pai plantava quando colhia se desse dez saco era cinco dele e cinco do meu pai, ele dava a terra e o arroz pra ele plantar porque as condições do meu pai não dava pra ele comprar o arroz pra ele plantar pegava de ameia .

Minha mãe não assim na enxada não, era mais em casa, eu quando eu tinha dez anos eu já trabalhava na roça já carpi, plantar não eu não dava conta, mais carpi bandeirar arroz carregar isso ai tudo eu fazia.

Nós somos em quatro irmão três homem e uma mulher, nossas condições de vida era assim meia feia que lá antigamente juntava meu pai e meu irmão trabalhava o dia inteiro por uma lata de arroz, dois pra pagar uma lata de arroz, e ai teve ano que nós terminou o ano comendo mandioca e abroba e carne de bicho, naquele tempo matava pra comer assava minha mãe sargava e ponhava no arame ai assava e nós comia e farinha.

Não estudei fiz o primeiro, mas nunca terminei assim nós morávamos na fazenda, porque a professora quase não ia não é que nem hoje né que tem, antigamente se se matriculava numa fazenda na escola lá ficava até mês quinze dias eles viam pra cidade, que tinha casa na cidade e não ligava que os alunos ficava lá perdendo aula, ai depois meu pai juntou quatro vizinho e pagou uma professora particular, pra dar aula pra nós ai ela começou namorar não ligou meu pai também tirou ai pronto nunca mais nós estudou.

Eu vim estudar aqui na cidade, mas não fiquei também muito tempo, eu nem terminei o primeiro ano que eu não sei lê eu só sei fazer meu nome, lê eu não dou conta.

Quando eu comecei ir na escola tinha base de dez anos mais ou menos nós ia pra escola.

Não sofri preconceito, nós nunca teve não nunca teve preconceito, a brincadeira que eu gostava era só de roda, eu não gostava de outros tipos de brincadeira não, nem de esconde esconde bater corda também eu gostava, ai bater corda também gostava , mas tirando dessas eu não gostava, eu era muito assim eu não gostava de ficar no meio de homem, menino homem sabe, ai quando tinha as meninas que brincava eu brincava de roda e de pula corda tirando essa brincadeiras as outras tudo não gostava.

Eu trabalhava mais do que brincar eu não tive infância de brincar, era mais trabalhar em casa “intervenção vizinha” .

Atividade profissional assim trabalho né ai depois eu fiz curso as coisas que eu gosto crochê pintura não é meu estilo não, mas o resto dos cursos que eu fiz tudo eu gosto.

Não assim naminha infância, assim eu sempre falava assim agora né, porque antes a gente não falava nada agora eu fico pensando assim se meu pai tivesse mudado pra um lugar eu tivesse chance pra mim estudar que é o meu sonho queria estudar né, o meu sonho era esse estudar, mais naquela época a gente não tinha condições de mudar pra cidade né.

Se vê da onde uma pessoa duas pessoa pra trabalhar o dianteiro troco de uma lata de arroz por ai você tira o que era o salario nosso não tinha isso.

Nóis vivia assim meu pai as vezes ai trabalhava por dia roçando pasto desbrotando toco e ai fazia um dinheirinho ia lá comprava açúcar, café ,né sabão, nós nosso banheiro era o córgo assim.

Mas não teve assim falar não eu tive uma casa que eu tive conforto eu não tive, nossa cama era um giral e ai fazia um colchão enchia de palha de milho e ali era nossa cama eu não tive essas coisas.

Hoje o que eu tenho eu posso fala que eu to rica porque eu nunca tive isso, nós tinha era um radinho de pilha a hora nós olhava pela sombra que não tinha relógio então e eu gostava daquela infância, eu gostava daquela vida assim do jeito que foi e eu gostava, mais eu gostava porque eu era feliz ali meu pai minha mãe , nossa eu amava meu pai meu pai era assim muito carinhoso não era aquele pai carrasco ele era muito amoroso com a gente eu fui uma menina que eu nunca apanhei , não sei se vara, cinta dói que eu nunca levei , nunca levei um tapa né tudo que falava, as vezes não chegava nem fala só no olhar eu já sabia o que ele queria fala então eu fui assim e gostava daquela vida que levava gostava eu falo por David eu amava a vida que eu tinha e eu não tinha o que eu tenho hoje e gostava daquela vida porque eu tinha amor de pai eu tinha amor de mãe, então eu era feliz.

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS E BIOGRÁFICOS

Eu, Lidia Maria Gonçalves  
RG: 243324 e CPF sob n. 309.043.071-15  
Residente à Pis 11 n. 651  
Na cidade de Laranaiiba

AUTORIZO a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a utilização, a divulgação e a reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados, para a realização e a divulgação de projetos institucionais desenvolvidos relacionados à história e à memória

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul poderá, a qualquer momento, utilizar, divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Laranaiiba, 01/05/2019

## **Entrevista com Venina Alves Arantes.**

Sim eu me considero negra meu nome Venina Alves Arantes meu endereço Avenida Getúlio Vargas número 1695 eu nasci em 18 de novembro de 1949, minha infância foi normal naquele tempo não tinha que a gente era infantil não tinha a variedade de brinquedo que hoje tem né, brincadeiras saudáveis tinha amarelinha, pega-pega, esconde-esconde, brincadeiras de roda, festas junina também.

Com 8 anos a gente veio pra cidade né, a gente teve parte da infância aqui né mas os primeiros anos foi na fazenda, na fazenda era muito gostoso assim, a gente tinha total liberdade, saía pro mato comia fruto do mato sabe ia pro riacho andava a cavalo, era aquela coisa assim bem rústica mais muito gostoso, muito bom.

A principal atividade econômica assim da minha família meu pai era arrendatário, tinha uma fazenda arrendada né naquela época ele tinha propriedade né depois ele vendeu a propriedade dele né arrendava terra, e depois ele vivia de venda de gado naquela época era troca troca né era assim normal.

Ele arrendou a fazenda e ele tocava a fazenda, minha mãe era na lida doméstica também, fazia queijo, farinha tudo pro próprio consumo nada pra venda assim.

Tenho onze irmãos, as condições de vida era muito boa, a gente tinha conforto não tinha luxo, mas tinha conforto, aí depois nós viemos pra cidade porque meu pai já tava na época, o professor Inácio que era nosso professor meu pai pagava pra ele pra ele dava aula pra gente.

Aí nós viemos pra cidade aí ficamos sem recurso porque não tinha mais aqueles meio de sobrevivência da fazenda e aí a gente veio e começou trabalhar, a minha mãe começou lavar roupas pra fora, fazer biscoito fazia quitanda vendia, fazia pastel vendia e nós começamos trabalhar de empregada doméstica e aí a gente continuou trabalhando até que a gente tivesse um grau de escolaridade onde a gente pudesse estar trabalhando na escola depois.

Eu comecei da aula nova naquele período também menor de idade comecei da aula, fazendo o Normal a gente se encaixou muito bem assim dando aula naquela época também era fácil não era competido, como é hoje.

Estudei em escola pública sim, a escola ficava na Praça da República, os dois primeiros anos de escolaridade estudei no José Garcia, depois abriu a escola Wladislau aí a gente veio para escola Wladislau que estudei até o grau superior.

A trajetória de vida escolar foi muito difícil, como que eu digo não foi descuidado da nossa parte que éramos pobre, mas foi com muito sacrifício, porque você trabalhava para comprar os materiais, porque naquela época não ganhava nada.

As disciplinas do primeiro grau Português e matemática, eu fui pra escola na idade normal de sete anos né, era português e matemática não tinha outras disciplinas não, naquela época tinha educação moral e cívica, que fazia na escola de quinta a oitava depois, mais pregava assim muita moral na escola primária então você tinha que por conta da educação moral e cívica você tinha que cantar o hino nacional praticamente quase todo dia na hora de entrar pra escola, pra dentro da sala de aula ia pro pátio formava fila, cantava todos em posição de sentido, cantava hino de sair, hino de entrada então todos os dias na hora de entrar ou sair, tinha que esperar e cantar aqueles hinos, porque pregava educação moral e cívica por

conta da ditadura né, foi na época da ditadura então, só que o primário é assim a parte do primário né depois como Zé Garcia não trabalhava quinta e oitava ai quando nós terminamos a quarta série ai a gente passou para escola Wladislau.

Aqui já era de quinta a oitava né já era uma disciplina muito rígida muito rígida mesmo você não tinha é abertura por exemplo você tinha que entra uniformizada impecavelmente até se a tua saia tivesse um pouco amassada o porteiro falava, você não teve tempo de passar tua saia sabe, o sapato se não tivesse limpinho tudo isso eles reparavam mesmo.

E tinha uma tal de gravatinha também você sem aquela gravatinha você não entrava então tinha de acordo com a série que você tava tinha uns risquinhos se era quinta um, se era sexta era dois se era sétima era três na gravatinha era chique.

Preconceito devido a cor, olha eu não nuncafui assim de tá olhando não a gente sempre fica no canto da gente, ficava no canto da gente, eu nunca cheguei a notar assim, abertamente.

Eu notava assim por exemplo é eu tinha eu dava aula no colégio, eu estava dando aula no segundo grau tinha professor que chegou depois de mim eu ficava que eu morava perto da escola que era aqui umas três quadras mais ou menos, eu ficava com a última aula todos os dias, eu não acreditava porque tava fazendo aquilo comigo, mas também eu nunca questioneei, ai eu procurei estudar muito, porque os cursos que eu fiz eu fiz pedagogia apesar de ter já bastante bagagem eu tinha, já trabalhar dentro da escola, é naquela época nós tivemos o curso do magistério que dava aquelas noções básicas de filosofia de psicologia, metodologia então a gente não tinha muita dificuldade só que ai como eu fiz faculdade paga eu tinha uma deficiência de conteúdo.

Ai eu passei a estudar dia e noite estudava noite inteira pra buscar reconhecimento, mas mesmo assim eu fui ter reconhecimento muito depois já estava quase encerrando a minha cadeira só que as pessoas são muito falha nesse aspecto, num chega e diz pra você sabe, mas você percebe claramente, sabe e ainda passei por um período meio complicado, porque eu era professora na escola e depois eu passei a coordenadora, então eles não me aceitavam eu fiquei sabendo assim por fora que teve colegas que falaram assim há aquela negra não, não vou aceitar aquela negra como chefe minha não, e ai depois só eu fiquei sabendo, mas eu não respondi, eu queria responder diferente sabe depois essa pessoa ela tornou se amicíssima minha, tudo que ela precisava ela me solicitava eu atendia ela prontamente, nunca fiz eusempre tive muito bom relacionamento com todos meus colegas de trabalho sabe não criar confusão não criar encrenca sabe e eu depois por fim quando ela eu aposentei antes dela ela assim tornou se amicíssima minha assim de vir pra minha casa com o esposo nós saíamos juntos assim tornou uma pessoa muito amiga minha e eu não tenho rancor dela não tenho. Você via sempre assim alguns buchichos a gente não é boba a gente percebe os olhares tudo chega pra lá fica no seu canto a gente não é boba né.

O convívio com as crianças era bom, com a professora também bom, muito bom nunca tive problema com professor mesmo.

As brincadeiras na escola era naquela época era queimada, que eu não gostava de jeito nenhum que aquela bola pegava em mim, quando a bola pegava em mim eu ficava triste, é passa anel sabe eu brincava muito de brincadeira de roda também né “ Papagaio louro do bico Dourado”.

Alimentação sabe que eu não lembro mais, não sei se tinha lanche, merenda escolar não sei não lembro mais, parece que não tinha, tinha só de primeira a quarta né de quinta a oitava não tinha, não lembro mais se no José Garcia tinha, tinha sim agora lembro tinha tal de leite em pó tinha.

Os materiais usado na escola era caderninho de brochura não era de araminhão, caneta, lápis, borracha e você já escrevia a caneta tipo na segunda série você já escrevia a caneta, já professora vistava e você já escrevia a caneta.

Quem mantinha a escola era o governo do estado, a distância da escola pra minha casa umas seis quadra.

Data comemorativa sim comemorava o dia das mães, os pais nem tanto, sete de setembro todas essas datas é cívicas era comemorada, dia da bandeira, sabe mas não tinha atração não era aquela comemoração em que você desenvolvia um papel lá um teatro um trem lá não, era só assim poesia, canto, e discurso de professor ou de diretor sabe pregava moral demais.

Atividade profissional professora.

Na escola teve uma passagem muito interessante a minha mãe, eu sempre primei muito pelo capricho assim nas coisas sabe e minha mãe então ela pediu a professora pediu para todos os alunos da classe organizasse o caderno onde tinha poesia tinha é caligrafia, escrito assim a poesia em forma de caligrafia, e tinha versinhos essas coisas e ela pediu então que todas as mães fossem bem vestida sabe, porque as mães que o filho tirasse o primeiro lugar ia entregar o caderno lá em cima, ela fez uma festa muito chique com cinema ocupando palanque com cinema tudo, aí o meu caderno foi escolhido um dos cadernos mais caprichoso da sala sabe. Aí eu falei para minha mãe, mãe a professora disse que é para as mães ir bem arrumada, porque não podia contar era surpresa né, aí minha mãe era muito distorcida falava assim professora não manda em mim não menina eu vou do jeito que eu quiser. E foi do jeito que ela quis aí ela teve que subir lá em cima pra receber esse caderno meu sabe, ela chegou ficou quase louca e eu também fiquei muito feliz porque eu não sabia que ia entregar aquele caderno pra ela, então ela ficou muito brava comigo, quis me bater assim de tão brava que ela ficou, porque você não me contou minha filha que eu tinha que ir lá pegar esse caderno seu, ela nem me parabenizou ela ficou brava.

E depois uma outra passagem que aconteceu eu fui professora também de EJA, a minha função não era alfabetizar ali eu não queria alfabetizar lá porque eles são destas pessoas que você ensina hoje mostra por exemplo um objeto uma caneta, aí você mostra o objeto aí você vai trabalhar o nome né então é eu fui a minha função era inseri-los tirar aquele complexo da terceira idade infiltra-los no meio dos jovens, foi dessa vez que eu recebi duas, que eu percebi que vale a pena você lutar e sacrificar sabe, aí eu fui para os colégios dos terceiros colegiais e pedi para eles apadrinhar minha sala sabe, então eles apadrinharam minha sala, eles visitavam minha sala eles abraçavam eles lá aí ia na sala e abraçavam eles aí meus alunos começou a trazer balinha pra eles então começou aquela convivência muito gostosa quando tinha comemoração eu não precisava gastar com nada os colegiais eles faziam tudo preparavam os alunos do EJA um doce de experiência e nesse ano eu fui agraciada com uma faixa de professora nota mil valeu muito a pena.

Uma outra coisa foi um curso que eu fiz em Três Lagoas aí eu debati muito com uma Diretora porque eu já sabia passei noites e noites estudando pra ficar debaixo do pé dos outros

ai no final do curso ela me chamou e falou que eu deveria muito ser diretora se você ainda não é deveria ser diretora eu não queria não tinha vontade nunca almejei assim ta lá em cima eu sei que foi muito difícil chegar não sei se é pela situação financeira ou pela cor que sempre fica atrás mesmo.

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS E BIOGRÁFICOS

Eu, Vanina Alves Arantes,

RG: 000682765 e CPF sob n. 080667871-20,

Residente à Avenida Getúlio Vargas n. 1195

Na cidade de Paranaíba AUTORIZO a

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a utilização, a divulgação e a reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados, para a realização e a divulgação de projetos institucionais desenvolvidos relacionados à história e à memória do município de Paranaíba.

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul poderá, a qualquer momento, utilizar, divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Paranaíba, 08/05/2014